

Vol 6 Issue 1 Oct 2016

ISSN No : 2249-894X

---

*Monthly Multidisciplinary  
Research Journal*

*Review Of  
Research Journal*

Chief Editors

---

**Ashok Yakkaldevi**  
A R Burla College, India

**Ecaterina Patrascu**  
Spiru Haret University, Bucharest

**Kamani Perera**  
Regional Centre For Strategic Studies,  
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

### Regional Editor

Manichander Thammishetty  
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

### Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [ M.S. ]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



## A RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA: O IRRACIONAL COMO PRODUTO DA RAZÃO

M.s.C. Charles Maciel Falcão

Universidade Federal do Amazonas – UFAM (Brasil)

Doutorando em Sociedade e Cultural na Amazônia – PPGSCA/UFAM.



### RESUMO

Conhecer a realidade é tomá-la a partir dos valores que nos servem de referência para a seleção de fenômenos particulares que constituem o horizonte infinito e caótico de possibilidades que é o mundo. A ciência ocidental moderna representa uma dessas possibilidades sem, no entanto, assumir esta postura de reconhecimento da incompletude de saberes e de inteligibilidades recíprocas. Este artigo parte das reflexões em torno da desconstrução da potencialidade do paradigma hegemônico de racionalidade ocidental, propostas por Boaventura de Souza Santos, de modo a oportunizar um encontro com alguns dos fundamentos da proposta

metodológica de Max Weber para as ciências sociais.

**Palavras-chave:** racionalidade; sociologia das ausências; razão indolente

### INTRODUÇÃO

O atual momento vivido pelas ciências sociais divide opiniões quanto à possibilidade de construção do conhecimento a partir da ampliação dos horizontes do pensamento, numa postura de aproximação dialógica entre o discurso científico e as outras possibilidades de leitura e compreensão da realidade, representadas por saberes que se encontram em diferentes universos

de legitimidade e representatividade. Uma reflexão acerca das vantagens cognitivas e práticas dessa aproximação de saberes está naquilo que Boaventura de Souza Santos (2006) apresenta como Sociologia das Ausências e Sociologia das Emergências, uma alternativa ao processo hegemônico de produção do conhecimento, representado pelo paradigma da ciência ocidental.

Refletindo em torno da desconstrução da potencialidade do racionalismo ocidental, tal reflexão nos permite um encontro com Max Weber, no sentido em que este autor contribui para a discussão acerca dos fundamentos epistemológicos e metodológicos das ciências sociais, a partir da relação entre racionalidade e “irracionalidade” na produção do conhecimento científico com vistas à compreensão das relações sociais.

Tradicionalmente, no horizonte de percepção da investigação científica, não há espaço para formas de conhecimento cujos fundamentos não estejam nos critérios de validade

estabelecidos pelo cânone da ciência. Toda a riqueza de informações e contribuições que podem advir da relação entre a ciência e outras manifestações do pensamento humano, ligadas as diferentes culturas e suas experiências sociais no mundo, não são ou não tem sido levadas em consideração para o estabelecimento de uma nova forma de produção do conhecimento que leve a uma justiça social a partir de uma realidade marcada por uma justiça cognitiva. Não basta, para tanto, que tais formas de conhecimento ganhem espaço a partir de uma postura de tolerância ou de concessão, como uma atitude a reforçar o papel da ciência no trabalho de desvendamento da realidade e de produção e estabelecimento de verdades. A questão é pensarmos numa ampliação da participação do universo do irracional ou do não-racional, em aproximação com Weber, para a prática de produção de conhecimento através de uma relação dialógica e de mútua contribuição entre a ciência e os seus "outros".

Oriundo das reflexões realizadas durante o processo de formação no mestrado em sociologia, da Universidade Federal do Amazonas, o artigo parte da ideia de que ler Boaventura é revisitarmos dos autores clássicos da sociologia e refletir acerca dos fundamentos epistemológicos e metodológicos da disciplina e das ciências sociais como um todo, num contexto que, além de se fazer presente na própria construção dos sistemas de pensamento que buscam uma aproximação compreensiva com a realidade que nos cerca, parece exigir uma postura diferenciada de seus praticantes no processo de construção e desenvolvimento do trabalho científico.

### UMA SOCIOLOGIA DO INVISÍVEL

O mundo por si só não faz nenhum sentido. É por meio de uma atitude pessoal que o cientista confere significação a um ínfimo fragmento da realidade infinita e o trata como objeto digno de ser conhecido. É dessa forma que encontramos em Max Weber e na discussão que este autor propõe em termos de reflexão metodológica, a ideia de que todo conhecimento encontra-se necessariamente vinculado a um contexto específico.

O trabalho científico recorta a realidade de modo que verticalmente, cada ramo da ciência possa tratar, epistemológica e metodologicamente, os aspectos formadores do real. Cada recorte ou cada escolha feita, não ocorre de forma gratuita e nem resulta de uma revelação a um espírito iluminado representado pelo cientista. Neste jogo de construção e desconstrução da realidade, os interesses ou os valores daqueles que assumem o posto de sujeitos do conhecimento não podem ser desconsiderados como numa atitude de assepsia necessária para a compreensão da parte do mundo tomada em questão.

Tais valores ou interesses assumem um importante papel no processo de produção do conhecimento científico, atuando no momento inicial do trabalho de modo a orientar o olhar do pesquisador em direção à realidade. Partindo desse pressuposto e revelando a interdependência entre os valores do indivíduo e a cultura da qual faz parte, Weber constrói um argumento metodológico que marca um ponto de distanciamento com o positivismo ao mesmo tempo em que contribui para uma frutífera reflexão acerca da relação entre ciência e crença.

O conceito de cultura é um conceito de valor. A realidade empírica é "cultura" para nós porque e na medida em que a relacionamos a ideias de valor. Ela abrange aqueles e somente aqueles componentes da realidade que através desta relação tornam-se significativos para nós. Uma parcela ínfima da realidade individual que observamos em cada caso é matizada pela ação do nosso interesse condicionado por essas ideias de valor, somente ela tem significado para nós precisamente porque revela relações tornadas importantes graças à sua vinculação a ideias de valor (Weber, 2001, p. 92).

Percebemos a relação entre os valores, diretamente ligada à cultura em que vive o indivíduo, e o trabalho de produção científica. É apenas para uma pequena parcela da infinidade do real, que se dirige o olhar do cientista, privilegiando os fenômenos que lhe despertam interesse do ponto de vista da significação cultural. Com isso, a realidade é ordenada ou racionalizada, a partir de critérios de seletividade cujo manancial fundamental é o fluxo contínuo e infinito dos acontecimentos a serem percebidos pelos espíritos finitos daqueles que se envolvem na tarefa do desvendamento do mundo.

Seletividade, inclusive, é um dos aspectos mais característicos da tradição de produção de verdades representada pelo paradigma científico ocidental. Em sua dialética, a razão ocidental pouco a pouco vai se

configurando como um modelo fundamental a ser seguido para o estabelecimento de discursos reconhecidos e legítimos acerca do mundo. A partir da dinâmica de autonomização e de rotinização da ciência em face dos seus “outros”, a compreensão do mundo passa a depender do emprego dos critérios de inteligibilidade que resultam do domínio da racionalidade ocidental instrumentalizada. É neste sentido que Santos (2007) propõe uma reflexão acerca da discrepância entre experiências e expectativas, no sentido de perceber que o paradigma epistemológico e metodológico que se fundamenta no predomínio da razão instrumental, tem sido responsável pela desqualificação de diferentes formas de conhecer o mundo que não compartilham dos mesmos critérios de reconhecimento e legitimidade.

Estes critérios orientam os recortes do real, a delimitação do trabalho científico, a construção do objeto, a seleção de uma individualidade merecedora de investigação. Uma postura seletiva e arbitrária incapaz de admitir a possibilidade de um pensamento que parta de horizontes epistemológicos situados além dos limites da geografia da razão ocidental. Neste sentido, é preciso perceber que o mundo é bem mais amplo que a compreensão que dele tem o mundo ocidental (Santos, 2006) e que o conhecimento produzido, precisa considerar a multiplicidade de experiências que representa o mundo do ponto de vista cognitivo e prático.

Presenciamos no decorrer das últimas décadas uma atitude de dúvida crescente em relação às verdades consagradas em todos os planos e aí não mais em relação apenas à ciência. A esse movimento poderíamos chamar de valorização do campo da irracionalidade, para não ficarmos apenas com a ‘crise da racionalidade’ (Pinto, 2008, p. 69).

Pensar em termos da supremacia da racionalidade ocidental significa admitir a ideia de uma lógica única a reger o panorama epistemológico humano. No entanto, partindo do pressuposto de que a ciência é apenas uma dentre as inúmeras possibilidades de se conhecer a realidade e agir sobre ela, e de que todas as formas de conhecimento não regulamentados pelas leis científicas, os elementos não-rationais, se configuram como saberes com significação cultural, será possível perceber que toda ideia de totalidade entendida como critério último de inteligibilidade não se sustenta, sobretudo se considerarmos que tal totalidade se funda a partir do paradigma da ciência ocidental, ela mesma passível de ser percebida do ponto de vista da fragmentação.

Se praticar ciência é selecionar, recortar, escolher a partir de valores imprimindo uma marca pessoal na atividade científica (Weber, 2001), temos que ter em mente que isso nos leva a considerar apenas alguns aspectos da realidade a partir da relação com os valores que orientam nossa prática enquanto pesquisadores e que toda uma gama de fenômenos acabam por ser negligenciados. Esse argumento metodológico de Weber é fundamental para percebermos a diferenciação feita pelo autor entre o universo das ciências culturais ou do espírito e o mundo das ciências naturais permitindo também, um aprofundamento da questão da relação entre racionalidade e “irracionalidade” na produção do conhecimento. Isso nos leva à ideia de pensar numa prática de produção do conhecimento que possa “colocar as ciências e seus métodos [...] como uma das formas, entre outras possibilidades, de conhecimento e descoberta” (Pinto, 2008, p. 69-70).

A inesgotabilidade conceitual dos fenômenos nos coloca a exigência de assumirmos uma postura seletiva no trabalho de investigação da realidade. Do ponto de vista da tradição do pensamento ocidental, esse argumento se fundamenta no princípio de validade do discurso científico, que atua de forma a colonizar todos os campos do pensamento por meio da adoção de uma postura de auto-suficiência que se arroga como única possibilidade válida de compreender o real.

Ao mesmo tempo em que essa postura pode ser pensada do ponto de vista de sua importância como ferramenta de conhecimento e intervenção na realidade, podemos percebê-la também, enquanto uma maneira de ocultar determinados elementos constitutivos dessa mesma realidade. Sendo uma das muitas formas de produção de verdades, a ciência atua, ao mesmo tempo, como um campo de visibilidade e também de cegueira, na medida em que parte do princípio de que nada que esteja além de suas fronteiras se configure como elemento importante para uma compreensão mais abrangente da realidade. Trata-se dos fundamentos de uma racionalidade seletiva e totalizante e, por isso mesmo, impotente.

A indolência da razão [...] ocorre em quatro formas diferentes: a razão impotente [...] que não se exerce porque [...] nada pode fazer contra uma necessidade concebida como exterior a ela própria; A razão arrogante, que não sente necessidade de exercer-se porque se imagina [...] livre da necessidade de demonstrar sua própria

liberdade; a razão metonímica, que se reivindica como única forma de racionalidade [...]; e a razão proléptica, que não se aplica a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a respeito dele [...] (Santos, 2006, p. 95-6).

O que se pretende com essa crítica não é desqualificar a ciência e todos os resultados alcançados pela sua longa tradição no ocidente, mas pensar na tarefa de produção do conhecimento a partir de novas bases capazes de quebrar a supremacia da racionalidade ocidental, colocando-anuma relação dialógica e de complementaridade com outras formas de racionalidade.

A impossibilidade da existência de uma teoria geral do social está portanto, no fato de que o conhecimento do mundo não pode ser reduzido a imagem que a ciência constrói desse mundo, além do fato de que os fenômenos sobre os quais se debruçam as ciências sociais e culturais são sempre mutáveis e se renovam a todo instante. A ciência é, portanto, um dos caminhos para a representação e a compreensão da realidade que, ao lado de outros, permite um alargamento do campo de visibilidade ao dirimir preconceitos e miopias (Pinto, 2008) e imprime uma importante dose de criatividade na atividade de todos os que se empenham na tarefa de desvendar os mistérios e os significados do mundo.

Produzir conhecimento nestes termos, significa considerar como ponto de partida a enorme complexidade de saberes e práticas a compor a diversidade epistemológica do mundo. São muitas as culturas e formas de conhecimento a elas atreladas, que orientam a ação dos indivíduos em sua atuação na realidade. Não considerar essa realidade multifacetada é assumir uma postura de fragmentação, parcialidade e compreensão limitada do mundo na tarefa de produção de conhecimentos. Muito mais que um conhecimento novo, a reflexão deve caminhar para a ideia de produção em bases novas ou no mínimo numa reorientação da atual forma em que esse conhecimento vem sendo produzido. O estabelecimento de verdades a partir da tradição epistemológica ocidental significa, antes de tudo, o silenciamento de outros discursos comprometidos com seus próprios critérios de verdade. Produzir conhecimento, nestes termos, é também produzir ignorância, banindo para os limites da razão as vozes vencidas no confronto entre o racional e o não-racional.

A razão metonímica [...] subtraiu o mundo tanto quanto o expandiu [...] de acordo com suas próprias regras. Reside aqui a crise da ideia de progresso e [...] a crise da ideia de totalidade que a funda. A versão abreviada do mundo foi tornada possível por uma concepção do tempo presente que o reduz a um instante fugaz entre o que já não é e o que ainda não é. Com isto, o [...] contemporâneo é uma parte [...] reduzida do simultâneo (Santos, 2006, p. 100).

Tudo o que não é reconhecido como legítimo por não ocupar um lugar no paraíso banhado pelo sol da razão, não ganha visibilidade e no máximo é considerado como estratégico para reforçar a primazia da racionalidade indolente. São aspectos silenciados e ocultados. Ausentes não por não existirem, mas porque sua existência está condicionada a ocupar um espaço que não serviu à razão e, portanto, se constitui como um universo de irracionalidade a que a razão não se detém uma vez que o mundo fora desencantado.

Neste sentido, muito do que não existe resulta de uma atitude deliberada de produção do não-existente, como resultado da primazia da razão e sua postura parcial e fragmentária, que considera o real a partir de um único ponto de vista a subjugar todo e qualquer sistema de pensamento que não tenha um alvará de funcionamento expedido pelo conjunto da racionalidade ocidental. A saída para essa questão, estaria no reconhecimento não de uma totalidade, mas de múltiplas totalidades, não de um discurso, mas de uma polifonia de representações sobre a realidade ligadas aos valores correspondentes a cada cultura.

A efetividade deste trabalho está na dependência da construção da crítica desse modelo de racionalidade metonímico e incompleto, que parte de uma compreensão de mundo fundada na parcialidade e na seletividade, em perfeita sintonia com o caráter fundamental da produção do conhecimento segundo a tradição ocidental, ou seja, uma ciência que se volta para um fragmento da infinita realidade com a qual nos defrontamos (Weber, 2001).

As reflexões de Weber (2001) a respeito da forma específica como se desenvolveu o processo de racionalização no ocidente, permite com que se vislumbre as consequências do ponto de vista dos indivíduos e dos sistemas de pensamento na tarefa de compreensão da realidade. Em sua análise do processo de racionalização e ocidentalização, o autor tece uma espécie de elogio a este processo num exercício comparativo entre o Ocidente e o Oriente, mas também revela aspectos que podem ser tomados como um ponto de vista

pessimista e resignado. As promessas ligadas à crescente racionalização não são efetivamente sentidas como fatores que potencializam as capacidades humanas, mas que as reduzem num contexto de modernidade marcada pela fragmentação. “Enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, [...] o seu poder de imaginação e [...] juízo independente sofreram [...] redução. O avanço dos recursos técnicos [...] acompanha [...] um processo de desumanização [...]” (Horkheimer, 1966, p. 06).

Horkheimer imprime um forte conteúdo político em sua crítica da modernidade, no sentido de recolocar a questão da supremacia da razão ocidental em termos diferentes do que é privilegiado pela tradição epistemológica e filosófica do mundo moderno. O alvo de seu pessimismo é aquilo que nos termos de Santos (2006) é tratado como impotência e arrogância do modelo de racionalidade ocidental. O ponto de vista da ciência é tido como única possibilidade de conhecer e intervir no mundo a merecer reconhecimento e legitimidade, o que exclui inúmeras outras formas de racionalidade, que são esquecidas, silenciadas e transformando-as em ausências. “O que não existe é, na verdade, [...] produzido como não existente” (Santos, 2006, p. 102).

Colocada nestes termos, a questão nos remete para a relação entre o que é considerado racional, porque legitimado pelo cânone da ciência moderna, e o universo da irracionalidade ou da não-racionalidade, construído enquanto tal para figurar como o “outro” da ciência. Tradicionalmente, o paradigma epistemológico ocidental vê neste universo “bizarro” uma possibilidade de fortalecer seu próprio mundo, pelo estabelecimento da diferença e da descrença em relação aos saberes e experiências banidos do reino da ciência moderna. Uma vez que de forma deliberada não são reconhecidos, esses saberes e experiências passam a não figurar no horizonte do pensamento moderno e não existem como discursos sobre a realidade.

Isso leva ao caminho do desperdício da diversidade epistemológica do mundo, uma vez que todas as experiências ligadas a diferentes povos e culturas, não encontram espaço numa realidade que tem como marca um presente “encolhido” e um futuro por demais dilatado. Essa ideia de temporalidade está presente na proposta da sociologia das ausências e da sociologia das emergências como uma alternativa ao existente em termos de produção do conhecimento (Santos, 2006). Considerar tal proposta significa perceber o atual momento das ciências sociais como um contexto de criatividade, onde é possível exercitar a razão indolente rumo à produção de novas epistemologias e metodologias que permitam “transformar objetos impossíveis em possíveis [...] ausências em presenças” (Santos, 2006, p. 102).

## O IRRACIONAL COMO PRODUTO DA RAZÃO

Podemos dizer que ao invés de se constituírem como não-existências, os fenômenos não reconhecidos e legitimados pelo paradigma epistemológico ocidental, se configuram muito mais como elementos invisíveis uma vez que estão no mundo, mas cumprem a maldição de não serem vistos, ouvidos, sentidos e acreditados.

A sociologia das ausências surge como proposta de ressignificação dessa realidade pelo deslindamento de cinco formas de produção de não-existências, tratadas em termos de monoculturas que atendem aos anseios da racionalidade ocidental. De modo geral, as cinco monoculturas trabalhadas pelo autor, fortalecem a primazia da racionalidade ocidental em detrimento de todas as possíveis formas de conhecimento não circunscritas em seu campo específico. Nos limites deste trabalho, nos deteremos aquela que é identificada pelo autor como a mais poderosa dentre todas as formas de produção de não-existência, a saber, a lógica denominada monocultura do saber e do rigor do saber. “Consiste na transformação da ciência moderna e na alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, [...]. A não-existência assume aqui a forma de ignorância ou de incultura” (Santos, 2006, p. 103).

O modo de produção do conhecimento reconhecido como legítimo pela racionalidade ocidental, partedo universo científico e de todo o seu instrumental epistemológico e metodológico de compreensão da realidade. Se pensarmos na relação entre as ciências naturais e as ciências da cultura, veremos que esta problemática é equacionada em favor das ciências naturais, no sentido de considerar que somente por meio da descoberta de regularidades é que a realidade pode vir a se transformar em objeto de estudo e pesquisa. Compreender a realidade é descobrir as leis que regem os fenômenos e pensá-las em termos de teoria geral.

Já no universo das ciências da cultura ou do espírito, essa ideia de regularidade ou a possibilidade de constituição de uma teoria geral, é algo não apenas remoto como impossível, já que o conjunto dos fenômenos

sobre o qual o pesquisador se debruça não se apresenta de forma empírica a não ser enquanto aparência. Ele é fruto de uma construção do pensamento e guarda estreitas relações com os valores aos quais os indivíduos, e entre eles o pesquisador, se referem e estão ligados através do vínculo da cultura.

O fluxo do devir incomensurável flui incessantemente ao encontro da eternidade. Os problemas culturais que fazem mover a humanidade renascem a cada instante e sob um aspecto diferente e permanece variável o âmbito daquilo que [...] adquire para nós importância e significação, e se converte em individualidade histórica. Mudam também as relações intelectuais sob as quais são estudados e cientificamente compreendidos (Weber, 2001, p. 100).

O mundo além de não fazer sentido por si só é marcado por múltiplas possibilidades em termos de produção do conhecimento. Mesmo se considerarmos apenas o universo da ciência, veremos que a existência de uma lógica única só é possível se partirmos para o campo metodológico de produção de verdades, representado pelas várias formas em que a ciência moderna vem sendo praticada tradicional e convencionalmente. Somente assim, é possível pensarmos em critérios universais que regulamentem o fazer científico. O pesquisador, como homem de cultura, não está isento dos valores correspondentes ao contexto a que está inserido e, dessa forma, partirá sempre de um ponto de vista especial e parcial para a aproximação e compreensão da realidade (Weber, 2001).

O trabalho científico em Weber traz uma forte presença do que pode ser tomado como elemento pessoal. Trata-se de uma releitura da relação entre ciência e valores que abre um frutífero debate com o positivismo, no que este sistema de pensamento considera como origem de todos os males em se tratando de produção de verdades científicas, a saber, os preconceitos ou toda e qualquer ideia preconcebida que o cientista tenha a respeito do que venha a ser investigado. Na verdade, tais ideias são nada mais que os valores, impossíveis de serem deixados de lado no trabalho científico, uma vez que são exatamente eles que proporcionam a iniciativa da descoberta através da orientação do trabalho de pesquisa, pela definição do objeto e da problemática da investigação.

A grande questão é fazer com que tais valores não interfiram no processo de desenvolvimento e de apresentação dos resultados do trabalho científico. A conclusão a que qualquer investigação chegar, deve ter, portanto, uma validade universal como condição de objetividade e ser percebida como válida, mesmo por aqueles que não guardem nenhuma relação, empírica ou cognitiva, com o objeto em questão. Dessa forma, mesmo com forte presença do elemento pessoal ou da subjetividade do pesquisador, o trabalho científico não estaria reduzido à defesa de pontos de vista de maneira apaixonada ou religiosa.

As ideias de valor que dominam o investigador e uma época podem determinar o objeto do estudo e os limites desse estudo. [...] é o ponto de vista dominante que determina a formação dos conceitos auxiliares de que se utiliza; e quanto ao modo de utilizá-los, o investigador encontra-se [...] ligado às normas de nosso pensamento. [...] só é uma verdade científica aquilo que pretende ser válido para todos os que querem a verdade (Weber, 2001, p. 100).

Considerando esse argumento no contexto da relação entre o discurso científico e a multiplicidade de vozes que compõem os horizontes do pensamento fora dos limites da racionalidade ocidental, percebemos que a ideia de parcialidade e de seletividade discutida por Weber em termos metodológicos, acaba por assumir um espectro político que tende a desconsiderar ou desqualificar diferentes racionalidades. Neste modelo de produção de conhecimento, parcialidade e seletividades são exacerbadas, criando zonas de silêncio e pontos cegos a não reconhecerem experiências para além dos critérios de legitimidade da ciência.

Dessa forma, aquilo que não tem visibilidade como representação do real e como proposta de compreensão dos fenômenos, é construído enquanto tal e resulta, portanto, como produto de uma razão instrumentalizada e fragmentada que privilegia como maneira de aproximação e desvendamento da realidade, a estratégia discursiva da ciência percebida como única forma possível de conhecimento. Somente os conhecimentos produzidos por este modelo merecem consideração e tudo o mais recebe a marca da ignorância, do atraso, da inferioridade, do particular e do improdutivo. Tornam-se invisíveis os saberes e práticas não-racionais, porque assim são produzidos e mantidos para que atuem como o "outro" a lhe conferir significado e importância.

O universo da irracionalidade ou da não-racionalidade, não representa um dado empírico em si mesmo. Uma vez que a ciência é produzida a partir do referencial da cultura que lhe serve de solo, o que não é tangenciado por seus instrumentos de conhecimento não figura apenas como algo relegado aos limites da razão por não apresentarem em sua constituição qualquer dado que possa ser transformado em objeto de saber, mas são banidos condenados a habitarem para todo o sempre, o universo do irracional, não participando da construção de uma epistemologia plural e democrática, onde diferentes formas de conhecimento atuem de maneira dialógica numa rede de inteligibilidade recíproca.

## CONCLUSÕES

Ler a proposta de sociologia das ausências e sociologia das emergências de Boaventura de Souza Santos é, portanto, uma oportunidade de reler Max Weber em sua contribuição para uma compreensão ampliada do real, por meio da possibilidade de consideração de um universo de compreensão não-racional, ao lado dos critérios legítimos e reconhecidos do modelo de racionalidade que figura como hegemônico.

Produzir conhecimento sem considerar essa possibilidade, é condenar ao esquecimento e à ignorância grandes parcelas da humanidade que muito podem contribuir para a construção de uma proposta epistemológica e metodológica alicerçada na perspectiva do diálogo e da inteligibilidade recíproca, rumo a um horizonte em que, pelo menos como possibilidade, o universo “irracional” seja levado em consideração e tratado em pé de igualdade e não venha a participar do debate acerca do mundo, apenas como um convidado a quem se fez algumas concessões no sentido não do seu reconhecimento, mas de sua utilização como matéria-prima para a produção da ciência.

## REFERÊNCIAS

1. HORKHEIMER, M. (1966). Eclipse da razão. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil.
2. PINTO, R. F. (2008). A racionalidade em questão. In R. F. PINTO. Viagem das ideias. (2ª ed.). (pp. 69-72). Manaus: Valer.
3. SANTOS, B. de S. (2006). Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In B. de S. Santos. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. (pp. 93-135). São Paulo: Cortez.
4. SANTOS, B. de S. (2007). A sociologia das ausências e a sociologia das emergências: para uma ecologia dos saberes. In B. de S. Santos. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. (pp. 17-49). São Paulo: Boitempo.
5. WEBER, M. (2001). A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais [1904]. In G. Cohn, (org.). Weber. (7ª ed.). (pp. 79-127). São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).



### CHARLES MACIEL FALCÃO, M.Sc.

Sociólogo, Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Atualmente é Professor de Sociologia do Instituto de Saúde e Biotecnologia - Campus do Médio Solimões - UFAM – Coari/AM. Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia - UFAM.

# Publish Research Article

## International Level Multidisciplinary Research Journal

### For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

### Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

### Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal  
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra  
Contact-9595359435  
E-Mail-[ayisrj@yahoo.in](mailto:ayisrj@yahoo.in)/[ayisrj2011@gmail.com](mailto:ayisrj2011@gmail.com)  
Website : [www.ror.isrj.org](http://www.ror.isrj.org)